

FLS 6531

lutas e rebeliões no planeta em ebulição

segundas, 19-23h

sala 105

DCP/FFLCH/USP

Jean Tible

jeantible@usp.br

Milhões são atingidos por imensas inundações no Bangladesh em 2022, num país com pouquíssima contribuição ao aquecimento global. Alagamentos até na desértica Dubai nesse ano. Lajeado, no Rio Grande do Sul, viveu três tragédias em menos de um ano. Também a frequência das secas tem se multiplicado, na Amazônia brasileira no ano passado houve a maior já registrada ou ainda no sul da Europa, num Mediterrâneo regularmente em chamas. Em 10 de agosto de 2019, o dia do fogo (provocado pela extrema direita local/nacional, aqui como alhures ponta de lança do negacionismo) gerando, numa tarde um pouco mais de uma semana depois, um cenário apocalíptico em São Paulo, quase ao mesmo tempo dos grandes incêndios na Austrália. Nova Iorque e Roraima vivem o mesmo fenômeno anos depois. A poluição atinge todos os seres vivos, mesmo nos lugares tidos com mais remotos, como alertado por Rachel Carson já no fim dos anos 1950. A sexta grande extinção nos espreita. Em abril de 2024, chegamos ao décimo-primeiro mês seguido em que o recorde de temperatura é batido. Eis a altíssima temperatura, o risco existencial iminente, a ebulição.

A questão mais importante é ao mesmo tempo onipresente (se pensarmos nos eventos climáticos extremos em profusão) e em grande parte ignorada no ramerrame político do dia a dia, configurando, na prática, uma ampla negação. Os reiterados, nas últimas décadas e em particular nos anos recentes, alertas e apelos de cientistas por uma mudança de rumo parecem cair num vazio. Apesar do seu caráter crucial, de sobrevivência da espécie dita humana, e de repetidos e múltiplos avisos, a urgência é pouco pautada, mesmo se inúmeros protestos, ações e movimentos (de jovens do Norte, mas igualmente e sobretudo dos povos da terra, por toda parte) pululam.

Partimos da materialidade, já que “o acúmulo de gases de efeito estufa na troposfera corresponde à (como é uma transformação da) *extração* extensiva e intensiva da matéria da terra, na forma de combustíveis fósseis, nutrientes do solo para alimentar plantações e gado e o trabalho (humano e mais que humano) que sustenta o capital” (Denise Ferreira da “On heat”, *Canadianart*, outono de 2018). Insiste a autora, que a acumulação desses gases se liga à concentração da energia expropriada e extraída das terras e do trabalho, matérias-primas e meios de produção, por meio de formas jurídicas e simbólicas, situando os elementos contínuos da violência do capital-racial-colonial, seja em seus aspectos e momentos mercantil, industrial ou financeiro. Trata-se, ademais, de deslocar, com o calor, o tempo universal humano para uma perspectiva não antropocêntrica.

Essa proposição de Denise Ferreira da Silva dialoga com a crítica aos “pais fundadores” da ciência moderna (Francis Bacon, Thomas Hobbes, René Descartes, Isaac Newton) elaborada por Carolyn Merchant. Influenciada, nas décadas de 1960 e 1970, pela crítica ao papel da ciência na Guerra do Vietnã e pelos movimentos desses anos, em particular a irrupção feminista, antimilitarista e ecologista, a historiadora e filósofa da ciência analisa, em *The Death of Nature*, uma mudança e uma disputa nos séculos XVI e XVII. Nesse

período, a imagem de um cosmos orgânico e de uma Terra, fêmea e viva, dá passagem a uma visão de mundo mecânica na qual a natureza passa a ser percebida como passiva, sendo possível dominá-la e controlá-la. Tal ordem mecânica emergente percebe como principal problema intelectual a questão da desordem (a anarquia). Esse entendimento de domínio sobre a natureza, do “mecanismo como um antídoto racional à desintegração do cosmos orgânico”, se entrelaça com nascentes formas de poder – a “nova filosofia mecânica no meio do século XVII logra a reunificação do cosmos, da sociedade e indivíduo nessa nova metáfora da máquina”.

O homem é lobo do homem. Esse antigo provérbio romano tornado célebre por Thomas Hobbes sintetiza uma poderosa narrativa sobre o homem, a natureza e a política. O filósofo elabora um relato extremamente influente de uma saída do estado de natureza – e seu conflito de todos contra todos – para a constituição de um estado civil. O medo hobbesiano essencial, da morte violenta (ele escreve no contexto de uma guerra civil), seria, assim, evitado. Os homens deixariam a violência fratricida pela celebração da concórdia, ao renunciarem à natural liberdade absoluta e pondo fim à “guerra perpétua de cada homem contra o seu vizinho”. Torna-se, para isso, necessário produzir uma desigualdade, uma assimetria incontornável e o pensador resgata então a imagem de um monstro bíblico, o Leviatã. Disciplinado por este, o súdito hobbesiano desfrutaria do banimento da guerra. Brotaria a paz e seria instaurado um mundo de ordem: surge, via contrato social, um Estado forte, comandado por um rei ou uma assembleia. A obediência é agora a métrica da política, já que somente com um organismo estatal absoluto, que faça valer a lei e puna o dissenso, há paz civil – trata-se do preço da autopreservação, da manutenção da vida dos homens.

O lobo mau. A natureza selvagem. Imagens recorrentes, figuras fortes que nos interpelam constantemente até hoje – ambos devem ser domesticados. A ausência do Estado indica o estado de natureza, a anarquia, a guerra, o caos, a desordem. De forma sintomática, tal condição subsistia, para Hobbes, em algumas áreas do planeta, onde vivem os “povos selvagens” presentes na América. As palavras para fora da lei em islandês ou na Escócia significam excluído da sociedade, errante e vivendo “nas florestas como as feras”. São cruciais, aponta Carolyn Merchant, os elos entre submissão da natureza e das mulheres no programa científico dito moderno (do qual Hobbes é um dos fundadores), assim como dos povos considerados inferiores (inclusive os camponeses europeus). O surgimento desse modelo de conhecimento hipermasculinizado busca “uma relação epistemológica com o mundo mais limpa, pura, objetiva e disciplinada”. A quem se opõe essa nova ciência? Como já dizia no fim do século XIX Matilda Joslyn Gage, existem “provas abundantes que as pretensas ‘bruxas’ estavam entre as pessoas mais profundamente científicas do seu tempo”. Para a abolicionista, seu sentido original era de mulher sábia, e os primeiros médicos da Europa eram mulheres que possuíam o domínio das ervas. O alquimista e físico Paracelso, considerado um dos fundadores da medicina, compilou, como o admitiu, essa sapiência (das bruxas) em suas obras, com plantas que originam vários remédios que usamos hoje. O ataque do emergente aparelho estatal foi também contra as organizações comunais das quais esses saberes eram parte. Um ataque contra sua autonomia (e inclusive contra a sua ciência). Bruxa, feiticeira, curandeira, mágica – esses xingamentos atravessam séculos e ainda são usados hoje. Seu objetivo? Controlar a desordem expressada pelos corpos rebeldes e suas alianças, num momento de transição capitalista na qual movimentos camponeses liderados por mulheres eram sua maior oposição. Não por acaso, vários filósofos da época, como Jean Bodin, eram também demonólogos. Dominar as mulheres, a natureza e os lobos.

Frente à política convencional depurada, mas também redutora, falsa e conservadora, propõe-se um diálogo com pesquisas da Biologia, que vem contribuindo para enriquecer concepções, como Piotr Kropotkin mais de um século atrás já havia elaborado. Cosmopolíticas que desconhecem o grande divisor que por muito tempo constituiu um determinado consenso científico de uma natureza externa, passiva, mecânica. Esse predomínio do Homem sobre a Natureza põe em risco a vida humana e sua sobrevivência depende agora de ouvir os antes considerados não modernos, cujos relatos e formas de compor mundos sempre levaram em conta as atividades de toda teia das existências. Muitas das que estavam fora do estatuto de Homem impuseram sua presença, pelas lutas, e passam a ser imprescindíveis. Agora que estamos nos livrando do Homem e da Natureza, os “entrelaçamentos interespecies” antes percebidos como fábulas tornam-se “material para debate sério entre biólogos e ecologistas, que mostram como a vida requer a interação de vários tipos de seres. Humanos não podem sobreviver pisoteando todos os outros” (Anna Tsing). Um planeta mais vivo e bem mais interessante. Uma questão óbvia para tantos povos passou a ser considerada: o estado de natureza já não é mais o que era. Uma poderosa compreensão do animal egoísta e avesso à cooperação – em suma, a chamada lei da selva – se liga a uma determinada perspectiva política e econômica. Se antes tínhamos um estado de natureza hobbesiano onipresente, agora imagens duplamente mais justas ganham eco e tem sido desmontado esse relato ideológico, falso.

Em consonância com essa crítica se coloca uma perspectiva conflituosa do poder: Antonio Negri – lendo e pensando com Maquiavel, Espinosa e Marx – critica a ideia da guerra de todos contra todos de Hobbes e sua teoria absoluta do poder, baseada numa “ficção historiada de relações individualistas e de propriedade”. Com o florentino, enfatiza que “o conflito é sempre aberto, o poder é sempre uma relação”, com vencedores e vencidos como resultado do confronto de suas respectivas forças. Isso significa, igualmente, que “o poder não pode existir sem um sujeito, e o comando deve sempre dar-se sobre, ou contra, uma resistência. Essa resistência sempre pode, então, teoricamente, inverter o comando. [...] Não estaria assim aberta a porta para uma teoria democrática do poder?”. A democracia seria, desse modo, a forma mais adequada e afinada com o direito natural, em oposição frontal a Hobbes, compreendendo-o como a capacidade de afirmar sua potência de ação – essa, e não o célebre contrato social, encarna a base e constitui o solo. O político e a liberdade em comunidade, associação e rebelião.

O programa do semestre se desenvolve, concretamente, em três momentos. Tenta, primeiro, compreender nossa situação socioecológica, com os diagnósticos de pesquisadores considerados ocidentais, mas também os avisos antigos e as perspectivas de cientistas indígenas.

Em seguida, buscamos estudar armas conceituais e elaborações que podem contribuir para nosso assentamento, com Espinosa, Marx e marxistas, a subsistência tal como trabalhada por autoras ecofeministas e enfim com pensadores da terra no Brasil e na região.

Enfim, terminamos com levantes em curso, que envolvem naturezas-culturas, do experimento cosmopolítico da Kalipety no extremo sul de São Paulo e da longa duração da subversão camponesa na Europa Ocidental até as revoltas animais e simbioses políticas, todas indicando uma natureza que se defende, resiste e cria.

abertura, aula inaugural

19 de agosto

Entre depressão e euforia – Galopes de selvageria do pensamento e sentimento negros no século XXI

com Salloma Sallomão

condição

26 de agosto

catástrofe, colapso e esperança

com Luiz Marques

Luiz Marques. *O decênio decisivo: propostas para uma política de sobrevivência*. São Paulo, Elefante, 2023.

complementar:

Luiz Marques. *Capitalismo e colapso ambiental*. Campinas, Editora da Unicamp, 2018.

02 de setembro

os mais antigos whistleblowers: intelectuais, lideranças, xamãs e cientistas indígenas

com Renato Sztutman

Davi Kopenawa e Bruce Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*.

São Paulo, Companhia das Letras, 2015 [2010].

Davi Kopenawa. *Hutukara: grito da terra*. Cadernos de Leitura Políticas da Terra n.130.

Belo Horizonte, Chão da Feira, 2021 [2018].

“Para mim, o termo mudança climática significa vingança da Terra”. Entrevista de Davi Kopenawa para Ana Maria Machado, *Sumaúma*, 22 de novembro de 2022.

complementar:

Mauro W. B. Almeida. “Anarquismo ontológico e verdade no Antropoceno”, *Ilha Revista de Antropologia*, 23(1), 2021.

Valéria Macedo (org.). “As cosmopolíticas das mudanças (climáticas e outras)” em *Povos Indígenas no Brasil 2006-2010*. São Paulo, Instituto Socioambiental, 2011.

armas

09 de setembro

Espinosa, política-natureza

com Ricardo Rodrigues Teixeira

Bento de Espinosa. *Ética*. São Paulo, Edusp, 2021 [1677].

complementar:

Arne Næss. *Spinoza and the Deep Ecology Movement*. Eburon Academic Publishers, 1993.

16 de setembro

a luta e a vida

Karl Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo, Boitempo, 2004 [1844].

Richard Levins e Richard Lewontin. *Dialética da biologia: ensaios marxistas sobre ecologia, agricultura e saúde*. São Paulo, Expressão Popular, 2022 [1985].

complementar:

Kohei Sato. *O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política*. São Paulo, Boitempo, 2021 [2017].

_____. *Marx in the Anthropocene: Towards the Idea of Degrowth Communism*. Cambridge University Press, 2023.

Auguste Blanqui. *A eternidade pelos astros*. Rio de Janeiro, Rocco, 2016 [1872].

23 de setembro

a chave da subsistência

com Débora del Guerra

Maria Mies e Veronika Bennholdt Thomsen. *The Subsistence Perspective: Beyond the Globalised Economy*. New York, Zed Books, 1999.

complementar:

Maria Mies e Vandana Shiva. *Ecofeminismo*. Belo Horizonte, Editora Luas, 2022 [1993].

30 de setembro

pensadores da terra, revolução e “existência grandiosa” no campo

com Guilherme Moura Fagundes

Antônio Bispo dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo, Ubu e Piseagrama, 2023.

complementar:

Joelson Ferreira de Oliveira. *As lutas existem pela nossa terra*. Belo Horizonte, Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.

Lorena Cabnal. “TZK’AT, Red de Sanadoras Ancestrales del Feminismo Comunitario desde Iximulew-Guatemala”, *Ecologia Política*, 10 de janeiro de 2018.

7 de outubro – pausa

levantes

13 de outubro [domingo – dia na Kalipety]

cultivos e experimentos políticos

com Jerá Guarani e Lucas Keese

Jerá Guarani. “Tornar-se selvagem”, *Piseagrama* n. 14, p. 12-19, julho de 2020.

Manuela Carneiro da Cunha. “Povos da megadiversidade: o que mudou na política indigenista no último meio século”, *Piauí* n.148, janeiro de 2019.

21 de outubro

“nos somos e natureza que se defende”: a longa duração das subversões camponesas

Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987 [1976].

George Rudé. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro, Campus, 1991 [1964].

Habitantes da ZAD, Notre-Dame-des-Landes. *Tomar a terra*. São Paulo, Glac, 2021 [2019].

28 de outubro

revoltas animais

com Allan Campos

Fahim Amir. *Being and Swine: The End of Nature (As We Knew It)*. Chico, AK Press, 2020 [2018]. [tradução para o português em curso].

complementar:

Timothy Morton. *Humankind: solidarity with non-human people*. Londres, Verso, 2017.

4 de novembro

simbioses políticas

Donna Haraway. *A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres*. São Paulo, Martins Fontes, 2023 [1991].

_____. *Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno*. São Paulo, n-1 edições, 2022 [2016].

Lynn Margulis. *Planeta simbiótico: um novo olhar para a evolução*. Rio de Janeiro, Dantes, 2022 [1998].

Piotr Kropotkin. *Apoio mútuo: um fator de evolução*. São Paulo, Biblioteca Terra Livre, 2021 [1902].

Debate de encerramento

11 de novembro – ao ar livre na casa líquida [perto do metrô Sumaré]

vidas-lutas nos limites da sobrevivência

com Mauro William Barbosa de Almeida e Silvia Beatriz Adoue